Lição 10: Naquilo que se move a si mesmo, uma parte move e a outra é movida

1050. Após mostrar que nos móveis e nos motores não há progressão ao infinito, mas que se chega a um primeiro que ou é imóvel ou automovente, o Filósofo mostra agora que, mesmo que se chegue a um primeiro que se move a si mesmo, é necessário, contudo, chegar a um primeiro que seja imóvel. Este tratamento divide-se em três partes.

Na primeira, ele mostra que o que se move a si mesmo se divide em duas partes, uma das quais é movente e a outra movida;

Na segunda, como essas partes se relacionam entre si (L. 11);

Na terceira, que é necessário chegar a um primeiro que seja imóvel (final da L. 11).

Acerca da primeira, ele faz duas coisas:

Primeiro, mostra que naquilo que se move a si mesmo, uma parte é movente e a outra é movida, porque um todo não pode mover o seu todo;

Segundo, rejeita outras maneiras pelas quais se poderia pensar que algo se move a si mesmo, em 1054.

Acerca da primeira, ele faz três coisas:

Primeiro, propõe que o que se move a si mesmo não se move totalmente como um todo;

Segundo, prova a proposição, em 1052;

Terceiro, conclui a conclusão principal pretendida — final de 1053.

1051. Porque todo e parte não têm lugar exceto nas coisas que são divisíveis, Aristóteles, portanto, a partir do que provou no Livro VI, conclui primeiro que tudo o que é movido é necessariamente divisível em partes que são sempre ainda mais divisíveis — pois isso pertence à própria noção de

um contínuo. Ora, tudo o que está sendo movido é um contínuo, se é movido *per se* (pois não é impossível que um indivisível, por exemplo, um ponto ou a brancura, seja movido *per accidens*). E isso foi mostrado anteriormente no Livro VI: pois todas as afirmações feitas antes do Livro VIII ele chama de universais da natureza, porque no Livro VIII ele começa a aplicar às coisas as afirmações que fez anteriormente sobre o movimento em comum. Assim, visto que o que é movido é divisível, um todo e uma parte podem ser encontrados em tudo que está sendo movido. Se, portanto, existe algo que se move a si mesmo, poderemos tomar um todo e uma parte nele; mas um todo não pode mover o seu todo, isto é, na sua totalidade mover-se a si mesmo.

1052. Então, em (820), ele prova sua proposição com dois argumentos, o primeiro dos quais é este: O movimento de algo que se move a si mesmo, num só tempo e num só movimento, é numericamente um; se, portanto, algo se movesse a si mesmo de tal modo que o todo movesse o todo, seguir-se-ia que um mesmo seria movente e movido com respeito a um mesmo movimento, seja ele movimento local ou alteração. Mas isso é visto como impossível: pois movente e movido são mutuamente opostos, e opostos não podem existir na mesma coisa com respeito ao mesmo. Não é, portanto, possível que algo seja simultaneamente movente e movido com respeito ao mesmo movimento.

Pois quando algo está ao mesmo tempo movendo e sendo movido, o movimento segundo o qual move é diferente daquele segundo o qual está sendo movido, como quando um bastão, movido pela mão, move uma pedra, o movimento do bastão é numericamente diferente do movimento da pedra. Assim, seguir-se-ia ainda que alguém estivesse ao mesmo tempo ensinando e sendo ensinado com respeito a uma mesma coisa cognoscível e, similarmente, que alguém curasse e fosse curado com respeito a uma mesma saúde numérica.

1053. Ele apresenta o segundo argumento em (821), que é este: Foi determinado no Livro III que aquilo que está sendo movido é um móvel, ou seja, algo existente em estado de potência, pois o que está sendo movido é movido precisamente porque está em potência e não em ato, já que uma coisa é considerada em movimento quando, estando em potência, tende para o ato. No entanto, aquilo que está sendo movido não está em potência de tal modo que não esteja de forma alguma em ato, porque o próprio movimento é uma espécie de ato do móvel precisamente enquanto é movido; mas é um ato imperfeito, sendo o ato do móvel na medida em que ainda está em potência.

Mas o que causa o movimento já está em ato, pois o que está em potência não é reduzido ao ato exceto por algo em ato, a saber, o movente; por exemplo, o quente causa calor, e aquilo que gera possui a forma a ser gerada, assim como quem tem a forma humana gera um homem, e assim por diante para outras coisas. Se, portanto, o todo move a si mesmo como um todo, segue-se que a mesma coisa é, em relação ao mesmo, ao mesmo tempo quente e não quente, porque, na medida em que move, será quente em ato; na medida em que é movido, será quente em potência.

O mesmo ocorre em todos os outros casos em que o movente é unívoco, ou seja, concorda em nome e espécie com a coisa movida, como quando o quente torna algo quente e um homem gera um homem.

E ele diz isso porque existem alguns agentes que não são unívocos e que não concordam em nome e noção com seus efeitos, como o sol gera um homem. Em tais agentes, no entanto, mesmo que não possuam a forma do efeito segundo a mesma noção, eles a possuem de um modo mais elevado e universal. Consequentemente, é universalmente verdadeiro que o movente é de algum modo atualmente aquilo que o móvel é potencialmente. Se, portanto, o todo move a si mesmo como um todo, segue-se que a mesma coisa está ao mesmo tempo em potência e em ato — o que é impossível.

Disso ele conclui (822) a proposição principal de que, em relação a uma coisa que move a si mesma, uma parte é movente e a outra parte é movida.

1054. Em seguida, em (823), ele rejeita certas maneiras pelas quais alguém poderia supor que ocorre o movimento de uma coisa que move a si mesma.

Primeiro, ele mostra que, em relação a uma coisa que move a si mesma, ambas as partes não são movidas uma pela outra;

Em segundo lugar, que, em relação a uma coisa que move a si mesma, uma parte não move a si mesma, em 1059.

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiro, propõe o que pretende;

Em segundo lugar, prova sua proposição, em 1055.

Ele diz, portanto, primeiro (823) que fica claro pelo que segue que uma coisa não pode mover a si mesma de tal modo que cada parte seja movida pela outra; por exemplo, se AB move a si mesma, que A mova B e B mova A.

1055. Então, em (824), ele prova a proposição com quatro argumentos. E deve-se notar que, para esta conclusão, ele reutiliza as razões previamente usadas para mostrar que nem todo movente é movido por outro. Portanto, a partir do que foi dito, ele aqui reúne quatro argumentos abreviados.

O primeiro deles ele retira do primeiro argumento apresentado acima em uma ordem dupla (isto é, ascendente e descendente) para mostrar que o processo de algo ser movido por outro não prossegue sempre ao infinito, porque então não haveria primeiro movente — de cuja inexistência seguiria a inexistência de tudo que vem depois dele. Por isso, também aqui, o Filósofo premissa o mesmo resultado inaceitável.

Pois ele diz que se, na primeira coisa movida que é suposta como movendo a si mesma, ambas as partes são reciprocamente movidas uma pela outra, seguir-se-á que não há primeiro movente. Isso segue porque, como foi dito acima, o movente anterior é mais causa do movimento e move mais do que o movente subsequente. E isso foi provado acima com base no fato de que algo causa movimento de duas maneiras. De uma maneira, algo move sendo movido por outro, como um bastão move uma pedra, porque está sendo movido pela mão, e este é um segundo movente. De outra maneira, algo move sendo movido por si mesmo, como um homem move, e esta é uma

condição de um primeiro movente. Ora, o que causa movimento independentemente de ser movido por outro está mais distante da última coisa movida e mais próximo do primeiro movente do que um intermediário que causa movimento sendo movido por outro.

Este argumento deve ser formulado da seguinte maneira: se ambas as partes de algo que se move a si mesmo se movem reciprocamente, uma não é mais causa do movimento do que a outra. Mas o primeiro motor é mais causa de movimento do que um segundo motor; portanto, nenhuma das partes será um primeiro motor. Ora, isso é inaceitável, pois seguir-se-ia então que aquilo que é movido por si mesmo não estaria mais próximo do primeiro princípio do movimento (cuja existência seria, assim, rejeitada) do que aquilo que é movido por outro, enquanto foi provado acima que um motor que move a si mesmo é primeiro no gênero dos móveis. Portanto, não é verdade que ambas as partes de algo que se move a si mesmo são movidas uma pela outra.

1056. Em seguida, em (825), ele apresenta dois argumentos para o mesmo ponto, extraídos de um que usou acima quando mostrou que nem todo motor é movido, no sentido de que ser movido é encontrado *per accidens* no motor. Nesse argumento, ele tirou duas conclusões acima, a saber: primeiro, que um motor pode não ser movido e, segundo, que o movimento não é eterno. À luz dessas duas conclusões, ele agora formula dois argumentos.

Pois ele diz, antes de tudo: "não é necessário que um motor seja movido, exceto por si mesmo segundo o acidente", o sentido disso sendo que, a menos que o primeiro motor seja tomado como sendo movido por si mesmo, também não será necessário que o primeiro motor seja movido segundo um acidente, como alguns postularam que todo motor é movido, mas que seu ser movido está nele *per accidens*.

Quando, portanto, supõe-se que, de algo que se move a si mesmo, a parte que causa o movimento é igualmente movida pela outra, isso será apenas *per accidens*. Mas, como concedemos acima, tudo o que é *per accidens* pode não ser; portanto, é possível que a parte que causa o movimento não seja movida. Assim, portanto, resta que, de algo que se move a si mesmo, uma parte é movida e a outra causa movimento e não é movida.

1057. Em seguida, em (826), ele dá outro argumento correspondente à segunda conclusão que inferiu acima, a saber, que se segue que o movimento nem sempre existe. Aqui, no entanto, ele argumenta em ordem inversa. Se é necessário que o movimento sempre exista, não é necessário que um motor, quando causa movimento, seja movido, mas é necessário que o motor seja imóvel ou que seja movido por si mesmo.

A razão para essa condicional é evidente a partir de um argumento dado acima. Pois, se um motor não causa movimento a menos que seja movido, e se ser movido está nele apenas *per accidens*, segue-se que pode acontecer que não seja movido. Consequentemente, pode acontecer também que não cause movimento e, como resultado, não haverá movimento. Mas provou-se que o movimento é eterno. Portanto, não é necessário que um motor seja movido quando está causando movimento. Consequentemente, não é verdade que cada parte de algo que se move a si mesmo seja movida pela outra.

1058. Em seguida, em (827), ele apresenta o quarto argumento, tomado do argumento anteriormente dado para provar que não é essencial a um motor ser movido, porque se seguiria que devemos chegar a isto: que um motor seria movido pelo mesmo movimento que está causando, como explicado acima.

E agora, abreviando esse argumento, ele diz que, se cada parte é movida pela outra, seguir-se-á que ela causa movimento e é movida com respeito ao mesmo movimento. Daí, segue-se que o aquecedor é aquecido — o que é impossível.

Ora, a razão pela qual se segue que a mesma coisa está causando movimento e sendo movida com respeito ao mesmo movimento, quando se postula que cada parte de algo que se move a si mesmo é movida pela outra, é que há na coisa que se move a si mesmo apenas um movimento, e é segundo esse movimento que a parte que causa o movimento terá de ser movida.

1059. Em seguida, em (828), ele exclui outra via, a saber, a suposição de que a parte de algo que se move a si mesmo não se move a si mesma.

Primeiro, ele propõe o que pretende;

segundo, prova sua proposição, em 1060.

Ele diz, portanto, primeiro que, se algo que é primeiro movendo-se a si mesmo for assumido, não se pode dizer que uma parte dele se move a si mesma ou que várias partes o fazem, de tal modo que cada uma delas se move a si mesma.

1060. Em seguida, em (829), ele prova isso com dois argumentos, o primeiro dos quais é que, se o todo está sendo movido por si mesmo, isso lhe pertence ou em razão de uma parte que é movida por si mesma ou em razão do todo.

Se lhe pertence em razão de sua parte, então essa parte será um primeiro motor que move a si mesmo, porque essa parte, separada do todo, moverá a si mesma, mas então o todo não será mais um primeiro motor de si mesmo, como foi suposto.

Mas, se for dito que o todo move a si mesmo em razão do todo, então será apenas *per accidens* que algumas partes se movem a si mesmas. Ora, o que é *per accidens* não é necessário. Portanto, no motor que primeiro move a si mesmo, é muito importante presumir que as partes não são movidas por si mesmas. Assim, uma parte do primeiro motor que move a si mesmo causará movimento, uma vez que é imóvel, e a outra será movida. Pois essas são as únicas duas maneiras pelas quais é possível que uma parte que causa movimento seja movida, a saber: ou porque essa parte seria movida por outra parte que ela move, ou porque essa parte moveria a si mesma.

Por isso, deve-se notar que Aristóteles, ao excluir essas duas maneiras, pretende concluir que, em uma coisa que move a si mesma, a parte que causa o movimento é imóvel, mas não que o que move a si mesmo seja dividido em duas partes, uma das quais causa movimento e a outra é movida; pois isso já havia sido suficientemente concluído quando ele provou primeiro que o todo não move a si mesmo como um todo.

Assim, fica claro que não era necessário que Aristóteles introduzisse uma divisão de cinco membros, como alguns alegaram: um membro dos quais é que o todo move o todo; o segundo, que o todo move uma parte; o terceiro, que uma parte move o todo; o quarto, que duas partes se movem mutuamente; o quinto, que uma parte é movente e a outra, movida. Pois, se o todo não move o todo, segue-se pela mesma razão que o todo não move a parte, nem a parte move o todo; porque, em ambos os casos, seguir-se-ia que uma parte movida estaria movendo a si mesma. Portanto, o fato de que o todo não move o todo basta para concluir que uma parte é movente e a outra, movida. Mas, para concluir que a parte que causa movimento não é movida, ele prova outras duas coisas, a saber: que a parte causadora do movimento não é movida por uma parte movida, e que ela não é movida por si mesma.

1061. E para provar este último ponto, ele apresenta um segundo argumento (830): Se for concedido que a parte causadora do movimento de uma coisa que move a si mesma move a si mesma como um todo, segue-se, pelo que foi provado acima, que uma parte dessa parte causa movimento e a outra parte é movida. Pois já foi provado acima que um todo não move a si mesmo de outra maneira senão por uma de suas partes causar movimento e a outra ser movida. Assim, seja AB a parte causadora do movimento de uma coisa que move a si mesma; então, pelo argumento anterior, segue-se que uma parte dela é movente, a saber, A, e a outra parte, a saber, B, é movida. Portanto, se AB como um todo move a si mesmo como um todo, como dizes, segue-se que a mesma coisa seria movida por dois moventes, a saber, pelo todo AB e pela parte A — o que é impossível. Resta, portanto, que a parte causadora do movimento de uma coisa que move a si mesma é inteiramente imóvel.

Revision #2
Created 27 September 2026 18:53:21 by Admin
Updated 1 October 2026 23:55:31 by Admin